

Crônica para Hilton Federici

José Roberto do Amaral Lapa

Tremulante pela revolta, a mão apanhou o papel-almaço da prova sobre a carteira. Petulância não me faltava quando levantei caminhando reto em direção ao professor, para o interpelar, pois com certeza estava equivocado ao subestimar meu indiscutível talento.

Tratava-se do novo professor de Geografia que há pouco iniciara o seu trabalho no antigo Curso de Geografia e História da então Universidade Católica de Campinas.

Desde a primeira aula impressionara bem os alunos. Não fazia concessões e assim dignificava o ensino de sua disciplina, num curso quase em permanente crise.

Preperei-me para a primeira prova que iria tratar de uma temática sobre a Amazônia. Vindo de uma formação repleta de insuficiências, seguro estava entretanto de que o meu bom adestramento jornalístico seria o bastante para "brilhar" mais uma vez. Aguardei confiante o resultado.

Entregue a prova, fiquei perplexo, não era possível. O esperado 10, se reduzira a réles 2. Assim, não dava!

A surpresa cresceu, quando o professor afirmou-me que não tinha porque alterar a nota. Com detalhes, explicou-me que afinal aquela podia passar por uma dissertação de literatura, jamais de Ciência!

Convenci-me inteiramente e a partir dessa contenda, a crítica assimilada iria perfilar o desempenho em todas as demais áreas científicas pelas quais havia optado. A partir daquele momento nasceu também, entre professor e aluno, uma profunda amizade que durou quase 30 anos.

Quando o colégio invisível dos nossos mais diletos amigos se vê desfalcado de um deles, verificamos que todos nos diminuimos um pouco, havendo entretanto uma compensação nessa troca dos valores que produzimos e que se incorporam em cada um dos que é atingido.

Quem parte leva consigo a soma do que lhe foi oferecido, mas deixa em cada um a totalidade daquilo que concedeu em vida. Do primeiro sorriso à última lágrima. Da idéia mais acalentada à prática mais cotidiana.

O prof. Hilton Federici colocou a sua apurada consciência profissional e o seu senso crítico, não transigindo com a mediocridade que grassava ao seu redor, a serviço de duas cidades: Cruzeiro, no Vale do Paraíba, aquela em que nasceu em 9-3-1913, e Campinas, aquela na qual muito viveu.

Para a primeira, assim que se aposentou em 1968, voltou em boa parte o seu trabalho de historiador, empenhando-se na preservação e divulgação de suas fontes, e no estudo atento de sua origem e evolução, legando-nos alguns trabalhos fundamentais para o seu conhecimento.

Para a segunda, onde chegou em 1949, também consagrou a sua atividade profissional e intelectual, lecionando no Colégio Estadual "Culto à Ciência" e na Pontifícia Universidade Católica, respondendo pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal, além de participar ativamente de inúmeras instituições, destacando-se a Academia Campinense de Letras. O seu livro **Terra Campineira** (de parceria com Antonio Cristofolletti) fica como um dos testemunhos da identificação plena que teve com Campinas.

Quando lecionei em Marília, tentei levá-lo para trabalhar em sua Faculdade de Filosofia. Seduzido pela proposta, ponderou com razão que naquela altura do estudo dos seus filhos e dos demais compromissos com a família, a sua saída de Campinas era de todo desaconselhável.

Bem mais tarde, retornei a Campinas, quando então e desde logo foi possível voltar a estreitar os nossos contatos.

Confiava naturalmente mais num certo bom-senso deste seu ex-aluno, do que no conhecimento que não tenho dos temas e áreas sobre os quais escrevia. Dessa maneira, tive a ventura e a honra de ler, a seu pedido, vários dos originais dos seus trabalhos.

Bastante metódico em tudo, com certeza deve ter deixado vários trabalhos interrompidos e outros prontos para divulgação.

A sua morte repentina, no findar da semana passada, fez com que se abatesse sobre a cidade o sentimento de perda de alguém, cujos serviços públicos prestados à comunidade reclamam avaliação e reconhecimento.

Correio Popular 29-VI
1980

CMR2.14.265